

CONSTRUÇÕES E INSTALAÇÕES PARA O MANEJO DOS GALOS APREENDIDOS EM RINHAS

Dênio Garcia Silva de Oliveira¹, Itallo Conrado Sousa de Araújo², César Andrés Guato Guamán², Fabiana Ferreira³, Lorena Salim de Sousa⁴, Ludmyla Martins Moreira⁵, Mariana Diniz Costa Vasconcelos⁵, Tainá Silva Brandão Lopes⁶, Thayná Gonçalves Ferreira⁷, Fernanda Pinheiro Lima⁸

O resgate de galos de situação de rinha leva a questionamentos sobre como proceder para a sua correta ressocialização. Existem muitos aspectos quanto às principais condutas que se deve ter na introdução em plantéis avícolas de galos submetidos a rinhas. Para que o processo de ressocialização seja eficaz, sugere-se

1 Médico Veterinário, Doutor em Ciências Veterinárias, Docente no Centro Universitário de Formiga, UNIFOR-MG.

2 Médico Veterinário, Doutor em Zootecnia, Docente na Escola de Veterinária da UFMG, Departamento de Zootecnia.

3 Zootecnista, Doutora em Zootecnia, Docente no Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, Departamento de Zootecnia.

4 Zootecnista, Doutora em Zootecnia, Docente no Instituto de Ciências Agrárias da UFMG, Departamento de Zootecnia.

5 Zootecnista, Doutoranda em Zootecnia na Escola de Veterinária da UFMG. 65 Médica Veterinária, Mestranda em Zootecnia na Escola de Veterinária da UFMG.

6 Médica Veterinária, Doutoranda em Zootecnia na Escola de Veterinária da UFMG.

7 Estudante de Graduação em Medicina Veterinária na Escola de Veterinária da UFMG.

8 Médica Veterinária, Mestre em Ciências Veterinárias, Docente no Centro Universitário de Formiga, UNIFOR-MG.

que exista um centro de recebimento desses animais, com estruturas adequadas e profissionais capacitados. Neste capítulo, será feita a descrição do local de recepção de galos apreendidos em rinha situado na cidade de Formiga, Minas Gerais, que é mantido pelo Centro Universitário de Formiga (Unifor-MG) e coordenado pelo professor Dênio Garcia Silva de Oliveira.

Desde 2018, o Unifor-MG recebe galos apreendidos em rinhas de diversas partes de Minas e de outros estados do Brasil e tem trabalhado no intuito de ressocializar esses animais. Somente no ano de 2021, o Centro Veterinário de Acolhimento e Guarda de Animais do Unifor-MG recebeu 782 galos, todos apreendidos em rinhas.

Eles chegam aos centros de recebimento em condições corporais muito ruins e precisam de cuidados e avaliações técnicas para saber se estão com a saúde comprometida. Assim que um novo grupo de galos chega, é feita a identificação dos animais e sua entrada é registrada em um livro próprio. Todas as seguintes informações devem ser anotadas: número de identificação, local e dia do resgate, dia da chegada (se for diferente do dia do resgate), responsáveis pela entrega e recebimento, peso do animal, idade provável, quaisquer anormalidades corporais e injúrias à saúde detectadas.

No momento do recebimento, deve ser realizado um exame clínico geral por médico veterinário para avaliar o estado dos animais de maneira individualizada. No caso de ser observada e comprovada alguma enfermidade, ela deve ser sempre tratada e todas as informações anotadas no prontuário do animal. A comprovação geralmente é feita por exames de sangue e outros complementares, o que possibilita definir o tipo de enfermidade. As principais injúrias à saúde dos galos estão relacionadas a carências nutricionais e também a lesões causadas pelas brigas que podem levar ao aparecimento de lacerações, isto é, ferimentos, e de miíases, que são as infestações de larvas de insetos que afetam a pele.

Todo centro de recebimento deve ter um espaço chamado “quarentenário” (figura 1), pois os animais recém-chegados devem cumprir uma quarentena de 6 a 8 dias antes de serem introduzidos no plantel. A quarentena é necessária porque os galos podem vir dos locais de apreensão com alguma enfermidade contagiosa. Problemas com doenças virais, bacterianas e parasitárias podem aparecer. Além disso, a introdução de um novo indivíduo ou novos indivíduos pode alterar o equilíbrio natural do ambiente da criação das aves.



*Figura 1. Quarentenário do Centro de Ressocialização dos Galos Apreendidos em Rinhas, no Centro Universitário de Formiga-MG.
Fonte: Dênio Garcia Silva de Oliveira*

O local do quarentenário deve ser afastado do local de criação das aves em pelo menos 10 metros. Com relação à sala de quarentena, sugere-se que seja de alvenaria, com boa ventilação e que seja dotada de uma espécie de “estante”, que vai conter as baias individuais de alocação dos galos. Essas baias devem ter as dimensões mínimas de 50 cm x 60 cm x 60 cm de frente, profundidade e altura respectivamente (**figura 2**) e na frente deve haver uma porta com tela de malha de uma polegada. Cada uma delas deve ter um comedouro e um bebedouro individual (**figura 3**). Sugere-se ainda que o quarentenário possua espaço para farmácia e mesa para realização de atendimento veterinário e coleta de espécimes clínicos.

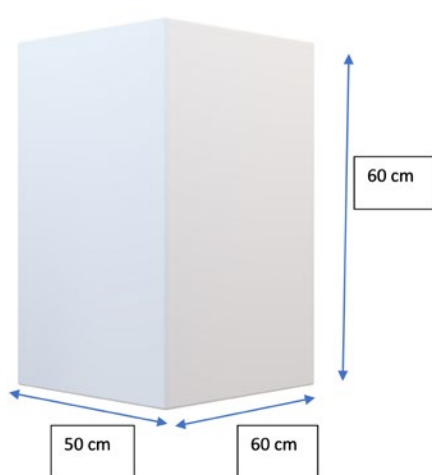


Figura 2. Baia individual presente no quarentenário do Centro de Ressocialização dos Galos Apreendidos em Rinhas.

Fonte: Dênio Garcia Silva de Oliveira



Figura 3. Baias individuais para os galos recém-chegados contendo comedouros e bebedouros individuais

Fonte: Dênio Garcia Silva de Oliveira

Cumprida a quarentena – por um período de pelo menos 6 a 8 dias –, é necessária uma reavaliação dos galos para que, de forma precoce, possíveis doenças possam ser identificadas e rapidamente tratadas, eliminando-se a causa.

Outro ponto muito importante é aproveitar o período de quarentena para realizar uma adaptação à alimentação comumente oferecida a essas aves. Geralmente os galos apreendidos em rinhas possuem uma alimentação muito distinta da habitualmente utilizada para aves domésticas. O capítulo 6 deste guia aborda, específica e detalhadamente, os aspectos nutricionais e alimentares para os galos apreendidos em rinhas.

É fundamental que a alimentação sólida (ração e outros tipos de alimentos que entrem na dieta dos galos) seja oferecida à ave recém-chegada na baía individual, durante o período de quarentena. Dessa forma, o galo recém-introduzido no plantel de socialização conseguirá se alimentar de forma competitiva com os demais galináceos já adaptados e socializados que se encontram nos piquetes (**figura 4**).



Figura 4. Piquete com os galos e galinhas cercado pela tela de uma pOLEDada.

Fonte: Dênio Garcia Silva de Oliveira

No Centro de Ressocialização mantido pelo Unifor-MG, além de milho em grãos, as aves recebem ração apropriada para a espécie duas vezes ao dia. A água é fornecida à vontade em bebedouros dotados de boias, que são higienizados duas vezes ao dia, no período da manhã e também à tarde (**figura 5**).

As aves são criadas em um espaço dotado de galpão com cobertura e também uma área de piquete para pastejo ao redor do galpão, onde ficam soltas o dia inteiro para



Figura 5. Bebedouro com sistema de boia, com água fresca e limpa.

Fonte: Fernanda Pinheiro Lima

se movimentarem e diversificarem a sua alimentação, tendo maiores oportunidades de se alimentarem de insetos, minhocas e vegetais. Quando utilizado um rodízio de piquetes, a recuperação das pastagens e manutenção das características do solo são mais eficientes, e a existência de árvores frutíferas nesses espaços, além de alimento, fornece sombra para as aves.

A produção de aves em um regime de confinamento pode causar estresse intenso, levando-as a apresentar respostas fisiológicas e comportamentais que podem originar problemas à sua saúde e ao seu bem-estar. Por esses motivos, é importante que elas tenham livre acesso às áreas de pastejo. O comportamento de pastejo nas aves é considerado um movimento bastante vigoroso que envolve atividades fora do galpão de alojamento ou produção, devido ao fato de bicar vegetais em busca de alimento. Esse ato de pastejo contribui para a redução de problemas como o canibalismo em galinhas poedeiras; em galos apreendidos as experiências vividas mostram uma redução nas brigas e bicagens quando criados soltos nos plantéis, comparativamente aos galos presos no galpão sem acesso ao piquete.

No Ofício Circular Nº 007/1999 da Divisão de Operações Industriais – Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal, do Ministério da Agricultura e do Abastecimento – foi regulamentada a criação de frangos tipo colonial com acesso a piquetes, devendo a área ter no mínimo 3 m² por ave. Quando têm acesso a piquetes com poleiro e sombreamento artificial (**figura 6**), as aves têm mais oportunidades de expressar seus comportamentos naturais e de explorar o ambiente externo, o que promove maior nível de bem-estar animal, devido ao enriquecimento ambiental.



Figura 6. Piquete com cobertura vegetal de capim tipo Cynodon, contendo área sombreada dotada de poleiros.

Fonte: Dênio Garcia Silva de Oliveira

É importante lembrar que as aves devem dormir em um local semifechado, com poleiros ou piso ripado suspenso do chão ou ainda em cama de serragem, maravalha ou com algum substrato adequado para a função de cama (que possua boa absorção de umidade). O galinheiro pode conter água e comida durante o dia, além de servir de refúgio contra animais predadores comuns à noite.

A utilização de poleiros pode ser uma alternativa viável para o enriquecimento ambiental e local para as aves dormirem (**figura 7**). Adicionalmente, os poleiros podem servir como encorajadores da execução de exercícios pelas aves, oportunizando algum controle sobre ambiente, através de comportamentos naturais da espécie como realizar exercícios motores como saltos, tentativas de voo e agarrar com os dígitos.



Figura 7. Poleiros do tipo vertical com os galos e galinhas empoleirados no período noturno.

Fonte: Dênio Garcia Silva de Oliveira

A escolha do material do poleiro é fundamental. Geralmente ele é feito com madeira, que deve ter boa qualidade e não deve apresentar facilidade em soltar farpas; toda a superfície deve ser abaulada, facilitando a fixação dos pés das aves no poleiro. Deve-se disponibilizar de 23 cm a 25 cm de poleiro para cada ave, com distância de 25 cm entre cada poleiro e dimensões de 5 cm x 5 cm, com a parte superior arredondada.

Os piquetes utilizados no Centro da Unifor-MG são de tamanhos variados. De maneira geral, eles garantem um espaço de 0,5 m² a 1,0 m² por ave e ficam ligados ao galpão fechado. As cercas dos piquetes são de 1,6 metro de altura, com tela de

1 polegada, e contornam toda a área; estacas e estacotes de madeira roliça são utilizados para fixar a tela.

As estacas devem possuir espaçamento de 2 metros. Outros tipos de cercas são permitidos, desde que sejam firmes e deem segurança às aves. Deve haver áreas de sombra para que as aves possam se proteger, inclusive do sol quente (**figuras 6, 8 e 9**); porém, a área não deve ser totalmente sombreada, permitindo que tenham contato com os raios solares, o que reduz bastante a incidência de doenças infectocontagiosas.

A cobertura vegetal mais indicada no piquete é aquela que possui boa adaptabilidade à região, resistência à seca, ao frio e à geada, boa produção de massa verde, resistência ao pisoteio e rápida brotação, boa palatabilidade ou aceitação pelos animais, boa qualidade nutritiva e ausência de toxicidade - ou não interfira na fisiologia das aves. A cobertura vegetal dos piquetes é importante para o bem-estar dos animais, tendo em vista seu hábito de forragear, ou seja, ter a possibilidade de ciscar, procurar alimento na grama. Contudo, é necessário analisar de forma crítica qual espécie vegetal forrageira escolher para garantir conforto e alimentação de qualidade.

É importante que essa forragem tenha bom enraizamento, cobertura de solo e potencial de rebrotação, a fim de garantir a perenização e a produtividade do pasto, devido ao comportamento de ciscada das aves, que tendem a danificar a pastagem. Algumas opções de gramíneas são: grama Seda (*Cynodon dactylon*), capim Quicuío (*Pennisetum clandestinum*) e também o Tifton 65. Após a retirada do lote de aves de um piquete, este deverá ser adubado, seguido por um período de descanso, que no geral é de um mês.



Figura 8. Piquete com cobertura vegetal contendo área sombreada feita com sombrite.

Fonte: Dênio Garcia Silva de Oliveira



Figura 9. Piquete com área sem e com cobertura vegetal, poleiro do tipo vertical em goiabeira, pequeno galinheiro coberto (seta) e vários tipos de comedouros espalhados no ambiente (áreas circuladas).

Fonte: Fernanda Pinheiro Lima

Por fim, um aspecto importante que deve ser observado é a localização do galinheiro e dos piquetes no terreno escolhido. Eles devem ser instalados perto da casa do colaborador, a uma distância de 30 a 50 metros, para facilitar os trabalhos e para ser mais facilmente vigiado. Além disso, devem estar fora da direção do vento, para que o cheiro do criatório não seja levado para a área administrativa do Centro de Ressocialização. O terreno do local deve ser arenoso, para que não encharque, e ter um certo declive, para facilitar a drenagem e a limpeza, além de estar próximo de uma fonte de água.

Como pode ser observado, as instalações para o manejo de ressocialização dos galos utilizados para as práticas de rinha são instalações simples e não requerem altos investimentos financeiros. Elas conseguem atender às necessidades dos domínios físicos e funcionais, bem como também o domínio da experiência afetiva (prazer de beber água e comer, saciedade pós-prandial, sociabilidade, vitalidade física, segurança, proteção, confiança e curiosidade), o que contribui para o estado de bem-estar desses animais.

REFERÊNCIAS

BRAGA, J. S.; MACITELLI, F.; LIMA, V. A.; DIESEL, T. O modelo dos “Cinco Domínios” do bem-estar animal aplicado em sistemas intensivos de produção de bovinos, suínos e aves. Revista Brasileira de Zootecias 19(2): 204-226. 2018

EMBRAPA (2007), Criação de galinhas caipiras / Embrapa Informação Tecnológica; Embrapa MeioNorte. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. 73 p.: il. – (ABC da Agricultura Familiar, 20).

ESTEVEZ I, TABLANTE N, PETTIT-RILEY R. L, CARR L. Use of cool perches by broiler chickens. Poultry Science, v. 81, n. 1, p. 62-69, 2002.

FRANÇA, L. C., LIMA, J. A., GIMENES, F. M. A., et al. Desempenho de frangos em diferentes densidades de pastejo: características das forrageiras, perdas por pastejo e consumo de alimento. Semina: Ciências Agrárias, Londrina, v. 35, n. 2, p. 939-950, mar./abr. 2014.

FRANÇA, L. C. Características morfológicas de plantas forrageiras e ganho de peso de frangos em pastejo. Dissertação de Mestrado em Produção Animal Sustentável – Instituto de Zootecnia – Nova Odessa/SP. Fevereiro de 2011.

Manual da produção de aves caipiras In: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/zootecnia/avicultura/livros/manual%20da%20producao%20de%20aves%20caipiras.pdf> acessado em 31/08/2021.

MITCHELL, M. A.; KETTLEWELL, P. J. Sistemas de transporte e bem-estar de frangos de Corte. In: CONFERÊNCIA APINCO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA AVÍCOLAS, 2003. p.189 – 197.

